

ANOS 1960: CULTURA E POLÍTICA NO BRASIL

*Alexandre Fernandez Vaz*¹

Os anos 1960 são conhecidos como tempos de convulsão cultural e política. É certo que eles congregaram uma série de movimentos e viram emergir novos personagens e protagonistas na cena social, o corpo e a juventude chegaram para rivalizar com a maturidade. Foram tempos de *Nouvelle Vague* e *Cinema Novo*, Jean-Paul Sartre e Paulo Freire, Guevara e Tropicalismo, Norman Mailer e Susan Sontag, Cuba e Berlim, Angela Davis e Herbert Marcuse, entre tantos outros marcos. Tempos de respostas eventualmente radicais a problemas que se apresentaram com formas e conteúdos distintos em diferentes regiões do mundo, ou inclusive dentro de uma mesma nação. Seria falso, portanto, tomar o impulso libertário mais ou menos comum como bloco unívoco de acontecimentos, e, ainda, seria equivocado limitar aquela experiência histórica aos limites da cronologia que aparentemente lhe dá moldura.

A Guerra Fria, o embate entre os países alinhados à Otan e aqueles sob o Pacto de Varsóvia, encontrou, nos anos 1960, momentos de grande expressão. Foi quando Cuba reconheceu sua revolução como marxista-leninista (passando

Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina, no Departamento de Estudos Especializados em Educação e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas. Bolsista de produtividade-CNPq. Doutor em Ciências Humanas e Sociais (Dr. Phil) pela Gottfried Wilhelm Leibniz Universität Hannover, Alemanha. E-mail: alexfvaz@uol.com.br

a sofrer tentativas de invasão, mas também a ser território para a instalação de mísseis nucleares), o Muro de Berlim foi construído, as guerras de descolonização na África e na Ásia estavam no auge, a América Latina viu golpes de Estado instituírem governos autoritários e as correspondentes tentativas de derrubá-los, enquanto nos Estados Unidos da América assistia-se ao conflito emergindo em novas faces, culminando, entre tantas pontas, com a Grande Marcha contra o Pentágono.

Se a Guerra Fria parece ecoar na conflagração europeia a que assistimos desde que as tropas de Vladimir Putin deflagraram seu ataque à Ucrânia (para restaurar a paz, diz o autocrata ex-dirigente da KGB), não é diferente no Brasil, em que a retórica da ditadura empresarial-militar que tiranizou o país a partir de 1964 tem se feito presente. Mescla de paranoia e regressão destruidora, com importantes consequências para todos, mas, principalmente, para os grupos sociais mais vulneráveis, o momento faz ecoar, ainda que na forma de involuntária caricatura, os valores reacionários que os arautos do golpe que derrubou João Goulart bradavam. Talvez seja o caso, então, de evocar os anos 1960 pelo avesso disso tudo. É o que os textos publicados neste dossiê pretendem.

O primeiro deles, de José Carlos Freire, trata da obra-prima de Antonio Callado, *Quarup*, expressão maior da literatura ficcional, que toma os anos da ditadura como tema. A objetividade que se procura com a realização da história é a realidade subjetiva dos dilemas do personagem Nando, tudo isso cristalizado em forma romanesca. Por outro lado, se há um recurso a livros posteriores do autor (*Bar Don Juan*, *Reflexos do Baile*, *Sempreviva*), é porque talvez digam, retrospectivamente, das esperanças malogradas.

Desenvolvimentismo nas querelas modernistas da arquitetura brasileira é o tema do segundo artigo. Para tanto, Flavio Antonio D'Ugo Bragaia e Rafael Urano Frajndlich evocam esse tão peculiar quanto grande intelectual que é Celso Furtado, não por sua presença, mas pela sentida falta nos

debates arquitetônicos. O trabalho seguinte também é sobre um intelectual, contemporâneo de Furtado, e igualmente de grande importância. Natiele Oliveira visita as memórias de Darcy Ribeiro para nelas buscar sentido e lugar para a obra do antropólogo (e também sociólogo, político, educador etc.).

Marcus Aurélio Taborda de Oliveira retoma, no quarto artigo do dossiê, um dos fenômenos culturais mais importantes dos anos 1960, os grandes festivais de música. Neles se reconhece uma estética, uma crítica e uma juventude que emerge como protagonista, ou, ao menos, que procura por isso no interior de um paradoxo: o desenvolvimento da televisão amplia o público consumidor da música popular, ao mesmo tempo em que se desenvolve estimulado pelos governos de exceção. É também sobre televisão o artigo seguinte, de Rosali Maria Nunes Henriques e Talita Souza Magnolo, cujo tema é a revista *Intervalo*, título que alude a um dos momentos mais importantes da programação, embora por uma ausência que será preenchida pela propaganda. Passo a mais na indústria do entretenimento – produto que fala de outros produtos –, o impresso trazia algo tradicional na imprensa brasileira, mas sobre o qual a pesquisa acadêmica não é tão volumosa, as charges. Como um período não se encerra em si mesmo, mas é a síntese do que veio antes e também do que se anuncia, o dossiê fecha com um artigo sobre aspectos de uma obra que se desenvolve principalmente a partir dos anos 1970, a de Cristovão Tezza. Emerge nela, na autoria de Natan Schmitz Kremer e Alexandre Fernandez Vaz, a pequena capital litorânea do Sul, Florianópolis, nas fantasias e experiências utópicas dos 1960.

Se 1964 marca uma ruptura violenta com o curso dos fatos no Brasil, a virada não foi tanto em relação ao que acontecia, mas ao que prometia acontecer. Reacionário e preventivo, o golpe procurou manter as coisas em seu devido lugar. Foram militares alinhados à Guerra Fria e empresários de olhos ávidos à multiplicação dos ganhos prometida pelos anos de ouro do capitalismo, que lideraram o delírio coletivo, o qual, numa sociedade autoritária como a brasileira, não teve dificuldades em encontrar o seu destino. A experiência

da década não se encerra no momento em que se inaugura a exceção, mas tampouco pode ser entendida fora dele. De lá para cá, alguma coisa mudou, é certo, mas nem tudo.